

## Está a Igreja bem situada no contexto dos problemas atuais?

**PRESIDENTE DE CONCÍLIO REGIONAL PRESBITERIANO  
FAZ CONVITE A REFLEXÃO.**

Sejam minhas primeiras palavras de súplica ao Senhor para que esta reunião do Concílio se ilumine com Sua bênção, a fim de que a obra que está sobre nossos ombros se patenteie, daqui por diante, num esforço comum de testemunho de Sua Vontade em favor daqueles a quem fomos vocacionados para levar a Mensagem que humaniza, justificando e libertando.

Em segundo lugar não poderia deixar de expressar minha gratidão sincera a todos quantos me alçaram a tão honroso cargo e me ajudaram a desempenhá-lo. A todos e, especialmente aos membros da comissão executiva, com particular destaque ao Sr. Secretário Executivo, o meu profundo reconhecimento.

O PRNT(\*) funcionou sem grandes problemas que lhe perturbassem a vida eclesiástica. Todas as igrejas realizaram seus trabalhos tradicionais com certo êxito e, mesmo aquelas que sofreram mudança de pastorado não tiveram solução de continuidade em suas atividades normais. Os problemas havidos, do conhecimento de todos os conciliares, foram problemas de ordem administrativa, normais numa comunidade humana de trabalho e, por isso, entendo desnecessário deles tratar aqui.

Mais que um relatório, gostaria de deixar com os irmãos algumas re-

---

(\*) Presbitério Rio-Norte — Concílio Regional da Igreja Presbiteriana, que ocupa a parte norte da cidade, às margens da E. F. Leopoldina.

flexões sobre nossa vida conciliar, levantando alguns problemas e abrindo perspectivas para o que creio ser a tarefa urgente do PRNT daqui por diante.

Vivemos num mundo em contínua transformação propiciada pelos descobrimentos científicos e pelas novas teorias filosóficas, históricas econômicas e sociais que, de acordo com os interesses das elites dominantes, são veiculadas rapidamente pelos canais de comunicação de massa ao grande público. Observo, no entanto, que nossas igrejas evangélicas e, especialmente nós, neste Concílio, não temos acompanhado com a devida seriedade tais mudanças que, sem nenhuma dúvida, afetam profundamente a vida da comunidade cristã em todo o mundo, desafiando-a e propondo-lhe problemas de não fácil solução.

Por isso entendo que se torna urgentemente necessário um estudo contínuo entre pastores e presbíteros sobre a realidade sócio-cultural no meio da qual devemos desenvolver nossa tarefa evangelizadora, para descobrirmos novos canais de comunicação (que hoje consiste numa técnica altamente sofisticada) e novas

formas de ação para nossas comunidades. Precisamos compreender, sem preconceitos ou rancor tradicionalistas que a Igreja, se continuar na sua forma atual, está condenada a morrer, senão procurar renovar suas estruturas de vida, sua forma de ser no mundo para colocar-se à altura do tempo presente. O que digo não é novidade. Através da história muitas formas de vida, muitas maneiras de ser da Igreja Cristã caducaram e foram abandonadas em favor de novas atitudes e tarefas para que o vinho novo do Evangelho não se perdesse nos odres carcomidos da velha estrutura que não mais correspondia ao novo mundo que se ia criando. A reforma é o grande exemplo disso, assim como o Pietismo de Zinzendorf e o movimento de Wesley, o trabalho missionário em todo o mundo, o Pentecostismo (em que pese nossas discrepâncias com ele) e o Ecumenismo em nossos dias.

No que se refere ao nosso Concílio, entendo que nossas reuniões apesar de se constituírem em agradáveis encontros de amigos e colegas, tem sido estéreis, por não produzir uma nova perspectiva de trabalho para nossas comunidades. Estamos presos a um

individualismo de comunidades acomodadas e, muitas vezes, insensíveis às necessidades do mundo e às verdadeiras exigências do testemunho cristão verdadeiro. O juridicismo tem impedido uma convivência mais vital. Não discutimos os verdadeiros problemas de nossas comunidades, não fazemos planos de cooperação, de estudos bíblicos e teológicos, que são o cerne da vida eclesiástica. Não nos preocupamos com as formas de testemunho, etc. Com isso os números de nossos relatórios demonstram a nossa morte lenta, para a qual devemos buscar urgentemente o antídoto.

Além disso cumpre destacar que a juventude está deixando nossas igrejas. Os jovens mais talentosos cedo abandonam nossas comunidades. E os irmãos sabem perfeitamente o que isto significa para o futuro de nossas igrejas.

Por outro lado observo que nossa comunicação com o povo deixa muito a desejar. Não basta que preguemos o que os membros das igrejas desejam ouvir. Temos de pregar o que precisam ouvir. Nossa tarefa não é agradar o auditório mas instruí-lo, exortá-lo, fazê-lo crescer no conhecimento da revelação de Deus. Torná-

los, enfim, adultos em Cristo. No entanto, a realidade é que nossos auditórios se tem tornado enrijecidos a qualquer visão nova do panorama bíblico, diferente daquela a que os acostumamos. Qualquer chamado a uma nova atitude cristã mais consentânea com as necessidades de nosso tempo é rejeitado. Qualquer visão bíblica mais amadurecida e menos infantil, também. O "verbalismo pulpitário", sem conteúdo bíblico, sem conformação teológica clara, atual e operante precisa ser banido de nossas comunidades. Precisamos dar unidade teológica, visão bíblica correta e objetivos concretos de trabalho para nossas igrejas a fim de sairmos do marasmo que está levando nossas igrejas a se tornarem presa fácil de qualquer hereje bem falante e psicologicamente desequilibrado. Caso contrário, o malfadado movimento de renovação (diga-se "pentecostalização") que grassa em nosso meio acabará tomando conta de nossas comunidades.

Outro aspecto é o relativo a inserção da Igreja na realidade social que a rodeia. A Igreja não vive fora ou acima da sociedade. Mas dentro da sociedade, sendo por esta muitas vê-

zês determinada. A Sua mensagem é dirigida ao homem enquanto ser social e tem que ver com todas as consequências de sua interação social. Deus primeiro chamou um povo e depois formou uma assembleia (ecclesia) para que testemunhasse Sua Vontade entre os homens. Assim, partindo da própria Bíblia temos por tarefa ser porta-vozes de Deus no meio da sociedade. E esta é nossa missão.

No mundo hoje vivemos um clima inaudito de violência, de lutas radicais, com ambos contentores afirmando que defendem a sociedade, a justiça, a liberdade, etc. Há exageros e deformações por todos os lados e o ódio vai se tornando mais forte que o amor. O homem, o ser humano, objeto dos desvelos do amor de Deus é espezinhado e violentado sem maiores escrúpulos e as sociedades vão construindo seu desenvolvimento a custa dos direitos sagrados que Deus outorgou às Suas criaturas. É preciso levar aos homens a mensagem de Reconciliação, de Amor, de Justiça. E esta mensagem é o Evangelho. A Igreja como portadora da Palavra de Deus para o homem é a única que pode cumprir esta tarefa, tornando-

se em guardiã do ser humano para levá-lo a viver a Justiça, a Verdade e o Amor, condenando a violência, venha de onde vier. Para isto é mister que esteja preparada para prestar a sua cooperação em favor da paz entre os homens. Entendo que o estudo e o pronunciamento do nosso Concílio, ainda que circunscrito à sua área interna, se torna necessário porque tais temas agitam nossas comunidades e os crentes necessitam de orientação e condução nesse terreno.

Levanto estes problemas procurando sugerir umas linhas de trabalho sobre os mesmos sem outra pretensão que a de contribuir para o desenvolvimento da missão de nosso concílio. Reconheço que estando ausente não teria o direito de propor tarefas das quais não participarei, mas entendo que sentindo o problema seria desonesto comigo mesmo e com o Senhor que me convocou para Seu trabalho se não compartilhasse tais preocupações com todos os colegas. Neste sentido aguardo a compreensão e receptividade por parte de todos das preocupações de quem tem por objetivo, apenas, o de ser fiel em seu ministério.

*Zwinglio Mota Dias*